

Projeto INCAsa: um reforço no cuidado domiciliar pediátrico

Para auxiliar na continuidade do cuidado de crianças e adolescentes em suas residências, com segurança, amparo e o suporte necessário, foi criado o INCAsa. O projeto permite que pacientes pediátricos dependentes de tecnologias como ventilação mecânica ou oxigenoterapia possam seguir o tratamento fora do ambiente hospitalar, com acompanhamento remoto e também da família.

A iniciativa, que tem apoio do INCAvoluntário, é fruto de pesquisas de mestrado da fisioterapeuta da Pediatria Mariângela Perini e de doutorado da enfermeira responsável pela Enfermagem do setor, Rosana Fidelis, bem como do trabalho da assistente social Marcia Valeria Monteiro na Comissão de Desospitalização do HC I. A ação reforça o pioneirismo da instituição no desenvolvimento de estratégias que promovem o acolhimento além dos limites das unidades de saúde a crianças e adolescentes com câncer e suas famílias.



As idealizadoras do projeto: Marcia Valeria Monteiro, Rosana Fidelis e Mariângela Perini

O projeto INCAsa foi aprovado pelo Banco do Bem, o que viabilizou o novo serviço. São fornecidos equipamentos como aparelho portátil de ventilação domiciliar, cilindros de oxigênio, concentradores (dispositivos que fornecem oxigênio em alta concentração) e oxímetros de pulso. Os itens foram disponibilizados por empresas terceirizadas que se responsabilizam pela manutenção, garantindo seu uso seguro. Além disso, é oferecido teleatendimento para apoiar as famílias após a alta do paciente e durante todo o processo de desospitalização.

O INCAsa está alinhado aos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) – equidade, integralidade e universalidade – e foi implementado com a colaboração da chefe da Oncologia Pediátrica, Sima Ferman, e de toda a equipe multiprofissional do setor.

CONTROLE DO TABACO

INCA lança mais dois infográficos sobre tabagismo

A Divisão de Controle do Tabagismo e Outros Fatores de Risco (DITAB) divulgou infográficos com os temas *Mulher, gestação e tabagismo* e *Tabagismo entre pessoas lésbicas, gays e bissexuais*. Os materiais trazem dados sobre a prevalência do fumo entre esses públicos, as estratégias da indústria para atrair novos consumidores e os riscos à saúde.

O percentual de mulheres grávidas fumantes aumentou de 4,7%, em 2013, para 8,5%, em 2019, estimativa equivalente ao percentual de fumantes entre as mulheres não grávidas. De acordo com o texto, o cigarro pode provocar descolamento de placenta, parto prematuro, baixo peso do bebê ao nascer, malformações congênitas e síndrome da morte súbita infantil. A mensagem também sugere que o profissional aproveite qualquer uma das consultas do pré-natal para perguntar se a pessoa é fumante e, em caso de resposta positiva, que se ofereça tratamento não farmacológico com aconselhamento terapêutico específico.



O segundo infográfico chama a atenção para o fato de que, proporcionalmente, gays, lésbicas e bissexuais fazem uso de produtos de tabaco em maior número que heterossexuais: seja usando cigarros industrializados, dispositivos eletrônicos para fumar ou narguilé.

Entre os possíveis motivos, estão: estratégias da indústria do tabaco voltadas para este grupo, como patrocínio de eventos de apoio à inclusão e à diversidade como forma de melhorar a imagem da empresa e captar novos consumidores; discriminação, isolamento e abandono familiar; ansiedade, depressão e violência física e emocional.

Os dois infográficos estão disponíveis em <https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/17498> (Mulher, gestação e tabagismo) e <https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/17430> (Tabagismo entre pessoas lésbicas, gays e bissexuais).